

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA MISTAS E/OU SEPARADAS:
O QUE JUSTIFICA? QUAIS AS RAZÕES?

Annie Reis dos Reis Nagel

PORTO ALEGRE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA MISTAS E/OU SEPARADAS:
O QUE JUSTIFICA? QUAIS AS RAZÕES?

Annie Reis dos Reis Nagel

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Licenciada em
Educação Física. Universidade Federal do
Rio Grande do Sul. Escola de Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

PORTO ALEGRE

2012

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA MISTAS E/OU SEPARADAS:

O QUE JUSTIFICA? QUAIS AS RAZÕES?

Annie Reis dos Reis Nagel

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger - UFRGS

1. AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que é o doador da vida e que concedeu-me mais essa vitória nessa etapa da minha trajetória estudantil.

Agradeço ao meu esposo Harrison, que me apoiou e estimulou em todas as minhas decisões e que teve paciência e compreensão nos diversos momentos que necessitei dedicar-me aos estudos.

Também agradeço aos meus pais, que forneceram a base inicial de ensino, de caráter e de perseverança, mostrando que para alcançar os nossos objetivos, precisamos trabalhar e dar o nosso melhor em tudo o que fizermos.

Não poderia deixar de agradecer a minha grande amiga Paola, que foi fundamental em todos os anos de faculdade e que certamente continuará sendo parte da minha vida para sempre.

Por fim, agradeço às minhas irmãs e aos queridos amigos, que em todos os momentos estiveram presente, apoiando e auxiliando sempre que foi necessário.

RESUMO

O presente estudo observa que, apesar de ser um tema recorrente, atualmente ainda há muita discussão em torno das questões de gênero presentes nas aulas de educação física, no que diz respeito a separação ou não de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Além disso, sabe-se que muitos profissionais da área têm opiniões divergentes a respeito desse tema. Há uma parcela que acredita e trabalha com aulas mistas, onde meninas e meninos realizam as aulas juntos, enquanto outros defendem a separação por sexo. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é identificar os elementos que justificam as aulas de educação física, dadas de forma mista ou separada, na visão de seis indivíduos atuantes na área de educação física escolar, que foram entrevistados. A análise dos resultados a partir das entrevistas apresentou elementos que indicaram não haver consenso por parte dos autores, ainda que a grande maioria aponte mais aspectos positivos relacionados às aulas mistas. Os sujeitos entrevistados possuem diferentes ideias quando se trata do tema abordado. Três defenderam as aulas mistas, por serem aulas que oferecerem maiores oportunidades de crescimento pessoal, social e cognitivo ao aluno. Dois sujeitos foram a favor das aulas separadas, por entenderem que essas envolvem menos conflitos de interesses, ideias, evitam acidentes e melhoram o rendimento físico dos alunos. Um dos sujeitos entrevistados, mostrou-se imparcial sobre o assunto, mas disse estar aberto à novas descobertas e mudanças que estão ocorrendo e que ainda ocorrerão dentro da sociedade, da escola e conseqüentemente, dentro da educação física. Existem diversos estudos sobre o tema dessa pesquisa, no entanto, há uma grande necessidade de que esse assunto seja discutido entre os profissionais da área relacionada a educação física escolar, no intuito de que compreendam o objetivo das aulas de EFI e exercitem a reflexão do seu fazer, enquanto professores.

ABSTRACT

This study notes that, despite being a recurring theme, currently there is still much discussion about gender issues in physical education classes concerning the pros and cons of separating boys and girls in physical education classes. Moreover, it is known that even other professionals in the same field have different views on this subject. There is a group that believes in and works with mixed classes where girls and boys are all together, while others advocate for the separation of genders. Therefore, the objective of this research is to identify the elements that justify physical education classes given in a mixed or separate environment from the point of view of six individuals who were interviewed in the area of physical education. The results from the interviews provided evidence that indicated that there was no consensus among the authors, although most of them point to the positive aspects of mixed classes. The interviewees have different ideas when it comes to this subject. Three defended mixed classes because they are classes that provide greater opportunities for personal growth, social and cognitive development of the student. Two subjects were in favor of separate classes because they understand that these involve fewer conflicts of interests, ideas, avoid accidents and improve the physical performance of students. One of the interviewees, was neutral on the subject but said he was open to new discoveries and changes that are occurring and that still occur within society, school and therefore within physical education. There are several studies on the topic of this research; however, there is great need for this matter to be discussed among the professionals of the physical education fields in order that they understand the purpose of the EFI courses and exercise personal evaluation as teachers.

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS.....	3
2. RESUMO.....	3
3. ABSTRACT.....	5
4. INTRODUÇÃO.....	7
5. REVISÃO DE LITERATURA.....	10
5.1. Iniciando uma discussão sobre Gênero.....	10
5.2. Questões de Gênero na Educação Física.....	14
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
7.1. Relação Experiências e Opinião sobre o Tema Abordado.....	22
7.2. Diferenças: Fatores Biológicos ou Culturais?.....	27
7.3. Vantagens e Desvantagens Aulas Mistas e Aulas Separadas.	29
7.4. Esportes “de mulheres” e “de homens”?.....	31
7.5. Justificativas para Aulas Mistas e/ou Separadas.....	36
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
9. APÊNDICES.....	45
9.1. Roteiro de Entrevistas com os Professores.....	45
9.2. Roteiro de Entrevistas com os Alunos.....	45
10. ANEXOS.....	47
10.1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	47
11. REFERÊNCIAS.....	49

4. INTRODUÇÃO

Muito se ouve falar a respeito de gênero, o que é gênero, o que são relações de gênero, qual a diferença entre sexo e gênero, mas a maioria das pessoas sempre que é questionada, fica na dúvida ou não sabe exatamente o que responder.

A verdade é que as questões de gênero estão presentes em nossas vidas a partir do momento em que nascemos e nos acompanham até o nosso último suspiro.

Muitos pesquisadores têm dedicado seus estudos a fim de compreender as questões relacionadas a gênero. Para Sayão e Bock (2002) falar de relações de gênero é falar das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura. A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

Assim, essas relações estão ao nosso redor a todo instante, em qualquer ambiente ou situação. Desde muito pequena, a menina aprende que não “pode” brincar de carrinho, ou jogar futebol com os meninos, enquanto esses, ouvem a todo instante: “menino não chora”, “meninos podem ser bagunceiros, desorganizados...”. Ou até mesmo em relação aos esportes, ouvimos inúmeras vezes as seguintes expressões: “Futebol é para os meninos...!”, “As meninas devem praticar um “esporte mais feminino” como a ginástica...” e assim por diante. O fato é que essas atitudes ensinam e indicam a maneira como essa criança deverá se comportar e o que a sociedade espera dela quando for adulta.

Para Souza (s.d.) a maneira como a família e a escola agem em relação às meninas e aos meninos são fundamentais no processo de constituição da identidade de gênero. Portanto a escola, como instituição de ensino e formadora de cidadãos, atua grandemente nessa construção.

As pesquisas indicam que as relações pedagógicas que são construídas na escola estão carregadas de simbolizações e as crianças aprendem normas,

conteúdos, valores, significados, que lhes permitem interagir e conduzir-se de acordo com o gênero. Assim, o papel do adulto, como os pais e a professora, é fundamental para a transmissão de atitudes sexistas, pois demonstram expectativas que ajudam na construção da imagem do que é ser menino e menina.

Sabe-se que dentro das escolas, a maioria das disciplinas são ministradas aos alunos de forma mista, ou seja, meninos e meninas assistem as aulas no mesmo local e interagem durante esses momentos. No entanto, quando se fala em aulas de educação física, muitas vezes a situação é diferente. Historicamente o hábito de separar meninos e meninas nas aulas educação física foi adotado em função de ideias e crenças pertencentes a determinados lugares e épocas. Essas ideias estavam relacionadas e baseavam-se nas diferenças biológicas e sociais percebidas entre mulheres e homens.

Ao conversar com alguns professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), constatei que ao longo da sua experiência estudantil, as aulas de educação física foram ministradas sempre de forma separada, e segundo seus relatos, era uma situação absolutamente corriqueira e não se pensava em algo diferente disso, nem se refletia sobre uma situação inversa, onde meninos e meninas fizessem aulas juntos. Portanto, essa questão da união e interação de meninos e meninas nas aulas de educação física, de certa forma é uma discussão recente, porém de fundamental importância no âmbito social e, especificamente, educacional.

Sendo assim, existem os profissionais da área que defendem as aulas mistas, enquanto outros preferem as aulas separadas. São inúmeras as explicações e justificativas para um e para outro. De um lado, há os que acreditam que as aulas mistas oportunizam aos alunos um maior desenvolvimento das capacidades motoras, sociais, além de aprenderem a respeitar e conviver com as diferenças uns dos outros. Em contraponto, há os profissionais a favor das aulas separadas, que acreditam num melhor resultado final por meio de um trabalho específico realizado com determinado grupo, enfatizando os interesses e as necessidades apresentadas pelos indivíduos e “não perdendo tempo” com as diferenças que aparecem nas aulas mistas.

Em relação a esse debate, o presente estudo pretende identificar elementos que justifiquem as aulas de educação física serem ministradas de forma mista ou separada nas escolas e a partir desses elementos, trazer reflexões a esse respeito.

Nas páginas que se seguem, será apresentada uma revisão de literatura, seguida pelos procedimentos metodológicos adotados para tal estudo. Logo depois, o leitor encontrará os resultados da pesquisa juntamente com uma discussão desses resultados a partir de reflexões de teóricos dessa área de estudo.

Por fim, será apresentada a conclusão a respeito da pesquisa realizada, seguida de apêndices e anexos.

5. REVISÃO DE LITERATURA

5.1. Iniciando uma discussão sobre gênero

São inúmeros os conceitos atribuídos ao termo “gênero” por parte dos pesquisadores e estudiosos da área.

Para Izquierdo (apud Cássia Maria Carloto, s.d.) poderíamos nos referir aos gêneros como obras culturais, modelos de comportamento mutuamente excludentes cuja aplicação supõem o hiperdesenvolvimento de um número de potencialidades comuns aos humanos em detrimento de outras. Modelos que se impõem às pessoas em função do seu sexo. Mas esta só seria uma aproximação superestrutural do fenômeno dos gêneros.

Portanto, quando falamos sobre gênero, ao mesmo tempo estamos falando a respeito de construções histórico/sociais feitas a partir de características impostas naturalmente. Essas construções nos acompanham ao longo de toda a vida e podem se modificar dependendo do lugar ou do ambiente em que estamos inseridos. Inúmeras vezes essas construções são acompanhadas de estereótipos e preconceitos resultantes da não aceitação de um determinado comportamento, o qual se afasta daquilo que é esperado por uma determinada cultura ou sociedade.

O termo gênero começou a ser utilizado por teóricas(os) e estudiosas(os) de mulheres e do feminismo, no final da década de 70. Naquele momento, o movimento feminista ressurgia com força em todo o mundo, provavelmente por influência da onda revolucionária que percorrera a Europa, a China, a América Latina e EUA, no final da década de 60, com os grandes movimentos estudantis e a contestação dos papéis e comportamentos sexuais. Segundo Sayão e Bock (2002), Betty Friedan, uma das primeiras lideranças internacionais do movimento, defende o papel do trabalho criador para que a mulher, assim como o homem, possa encontrar-se e reconhecer-se como ser humano.

A partir daí, torna-se necessário um aprofundamento conceitual no tratamento dessas questões. Surge, então, o conceito de gênero formulado por pesquisadoras

de língua inglesa, como Joan Scott e Gayle Rubin. No Brasil esta nova conceituação foi incorporada pela comunidade acadêmica no mesmo período (SAYÃO E BOCK, 2002).

Scott (apud Fabiana Cristina de Souza, s.d.) conceitua o gênero mostrando que o corpo se transforma em motivo de investigação histórica e sociológica e que seu significado pode ser diferente de acordo com cada contexto. O uso do termo gênero representa um processo que procura explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao masculino ou feminino, considerando a construção social construída hierarquicamente como uma relação de poder entre os sexos.

Com o passar do tempo, ocorrem mudanças naquilo que se espera do que é ser homem ou mulher em diferentes regiões e culturas. Um exemplo disso é o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, ocupando determinadas posições que até então “pertenciam” apenas aos homens. Essas modificações indicam que as relações de gênero são construções culturais e podem ser modificadas de um contexto para outro.

Apesar dessas mudanças, sabe-se que a realidade ainda apresenta muitas discriminações ligadas ao gênero. Isto vem sendo objeto de reflexão, estudos e debates, pois não há cidadania plena sem o exercício do direito à diversidade (SAYÃO E BOCK, 2002). E a cidadania também se reflete no relacionamento familiar e no convívio com a sociedade. O processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho também resultou na transferência da responsabilidade de educar os filhos - que até então pertencia às mulheres, à escola. Assim, a educação desempenha um papel fundamental nesse sentido.

Louro (2003), no livro “Gênero, Sexualidade e Educação”, explica que desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

No mesmo livro, a autora mencionada anteriormente comenta que é necessário que nos perguntemos, então, como se produziram e se produzem tais diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos.

É no processo educativo, entre os quais os acionados na família e na escola, que os padrões de comportamento, as regras sociais, os valores éticos e morais, os costumes, estereótipos, são transmitidos para as crianças. A transmissão da cultura ocorre também através de outros mecanismos sociais, como a mídia ou a religião, mas família e escola são instituições fundamentais no processo de socialização dos novos membros da sociedade (CARVALHO e et al, 2008).

Sintetizando o parágrafo anterior, a escola tem uma grande responsabilidade sobre a formação do sujeito como um cidadão reflexivo e atuante na sociedade em que vive. Sendo assim, precisa ser um espaço onde todos tenham os mesmos direitos e deveres e onde as diferenças sejam respeitadas, transformando-se em aprendizagens através das interações sociais.

Infelizmente a realidade nos mostra que, na prática, a escola está distante do seu ideal no que diz respeito ao seu papel, como instituição formadora de um sujeito reflexivo, respeitador de diferenças e preparado para enfrentar os conflitos ao seu redor. Sobre isso, Pupo (2007), comenta que a escola tem sido um local que reflete o sexismo que trespassa toda a sociedade, reproduzindo, com frequência, as estruturas sociais e reforçando os preconceitos e privilégios de um sexo sobre o outro e colaborando para a construção da identidade sexual das meninas e dos meninos.

Portanto, é de fundamental importância que o sistema de educação repense e reflita na sua função como instituição de ensino, pois atua diretamente na educação de meninas e meninos, compondo um dos espaços onde há maior possibilidade de aprendizado, sociabilização, interação social, elaboração de ideias, de conceitos e de padrões de comportamentos. Além disso, deve ser um ambiente que permita a construção de uma educação democrática, onde todos tenham igualdade de condições e oportunidades.

Algumas autoras (AUAD, 2003, WALKERDINE, 1995, CARVALHO, 2001 e CAVALCANTI, 2003) têm realizado seus estudos voltados para a forma como as

questões de gênero são tratadas pelas professoras e pelos professores no que concerne às expectativas delas e deles com relação às alunas e aos alunos. Estas pesquisas têm mostrado que professoras e professores têm expectativa diferenciada com relação ao aprendizado e comportamento de meninas e meninos (CARVALHO e et al, 2008).

Normalmente os professores esperam que as meninas tenham um resultado de aprendizado superior e um melhor comportamento em relação aos meninos. Na escola, espera-se que a menina se comporte de maneira mais doce e educada, enquanto dos meninos é natural esperar que sejam “levados”, bagunceiros, desordenados e com menor interesse pelos estudos.

Para Pupo (2007), vale lembrar que é na sociedade que as características sexuais femininas e masculinas são construídas e representadas, portanto, ao chegarem à escola, meninas e meninos já percorreram um caminho social de convivência e incorporação dos valores de sua cultura. Sabem a que gênero pertencem e, na maioria das vezes, o que se espera deles nos papéis feminino e masculino. Em muitos casos, estão impregnados das velhas concepções preconceituosas sobre o homem e a mulher, construídas com base nas diferenças de sexo.

Conforme o que foi apresentado até aqui, os estudos indicam que ainda há uma necessidade muito grande de abrir espaços no ambiente escolar para discussões e reflexões sobre as questões de gênero entre os professores e entre os alunos, com o fim de que meninas e meninos reconheçam que seu comportamento não é fruto de suas capacidades naturais e sim de características construídas socialmente, as quais apenas reproduzem modelos de conduta. Dessa forma, cria-se para os alunos, a possibilidade de aprender a conviver com as diferenças e respeitá-las, eliminando estereótipos e preconceitos.

5.2. Questões de Gênero na Educação Física

A educação física, assim como a escola, seguidamente tem sido foco de discussões a respeito das questões de gênero. Especialmente no que diz respeito as aulas mistas, onde meninos e meninas participam juntos, interagindo entre si, ou quando se fala em aulas separadas, onde meninos e meninas são separados por sexo.

É sabido que nas escolas, as disciplinas como português, matemática, geografia, história, entre outras, são ministradas a todos os alunos, sem que haja separação por sexo. Tanto meninas quanto meninos estão no mesmo local, interagindo uns com os outros.

E então, por que existem divergências de opiniões e de justificativas entre profissionais e instituições que optam por aulas mistas ou por aulas separadas quando se fala em Educação Física?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não estabelece critérios específicos sobre a organização dessa área de conhecimento nas escolas, inclusive com relação à adoção de turmas mistas ou separadas (DORNELLES e FRAGA, 2009).

Segundo Dorneles e Fraga (2009), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (...) há indicações de que as aulas de educação física aconteçam de forma mista, buscando-se com esse recurso trabalhar questões de gênero e educar para o respeito às diferenças e para a desconstrução de preconceitos.

Assim, de acordo com os documentos citados anteriormente, não há instruções para que as aulas de educação física sejam ministradas de forma separada aos meninos e meninas. Ao contrário, percebe-se uma orientação para se ministre aulas mistas com o fim de discutir e problematizar as diferenças como questões fundamentais dessa disciplina.

Sabe-se que a disciplina de educação física sofreu muitas mudanças ao longo da história até os dias atuais. Desde os tempos antigos, os homens sempre foram estimulados com atividades e jogos desafiadores, que exigiam coragem e enfrentamento. Enquanto isso, as mulheres desenvolviam as atividades mais “leves”,

com o objetivo de protegê-las de esforços que pudessem prejudicar as suas funções como reprodutora e mãe, pois sempre foram vistas como seres mais delicados e frágeis.

Sobre o curso que essa disciplina tomou ao longo da história, Lima e Dinis (2007), ressaltam que na Europa a Educação Física passa a ser caracterizada como Ginástica, termo que segundo Soares (2002, p. 20 apud Lima e Dinis) abarca “exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos corridas, equitação, esgrima, danças e canto”, sendo desenvolvida através de diversos métodos. Uma prática anteriormente realizada com fins militares passa a ser difundida para toda uma sociedade crescentemente urbana e industrial, cada vez mais afetada pelas intempéries causadas pelo modo de produção capitalista (...).

Nesse momento da história, as doenças se proliferavam e a saúde da classe trabalhadora piorava. Por isso, algumas medidas de saúde foram propostas e uma delas foi a prática de exercícios, em forma de ginástica, com o fim de melhorar o condicionamento físico e aprimorar a saúde da classe operária.

De forma semelhante ao que ocorreu na Europa, a Educação Física se instalou nas escolas brasileiras, no final do século XIX, pelos médicos higienistas, com o objetivo de promover a saúde, preparar e educar os indivíduos para a nova sociedade que estava em construção. Durante esse processo, eram grandes as diferenças de atividades voltadas para os homens e para as mulheres, priorizando atividades que exigiam força, velocidade, provas de corridas, e jogos de competição para homens, enquanto para as mulheres, destinavam-se atividades de pouco esforço físico (LIMA e DINIS, 2007).

Essa percepção de distintas competências e habilidades que se tinha a respeito do sexo feminino e do sexo masculino, e a prática diferenciada que um e outro realizava dentro das aulas, evidenciava e potencializava ainda mais as diferentes características físicas e sociais que homens e mulheres apresentavam, o que contribuía grandemente para a produção de sujeitos masculinos e femininos.

Com a queda de Getúlio Vargas e o fim de um governo ditatorial, grandes mudanças ocorreram no país. Com a elaboração da primeira LDB sob o nº 4.024/61,

a educação física teve sua obrigatoriedade fixada nos cursos, primário e médio, através do artigo 22, recomendava-se que a prática da educação física na escola fosse complementada por atividades esportivas, mesmo que essas fossem ministradas fora do horário escolar, a fim de permitir a formação do espírito de equipe e liderança dos alunos. A partir desta Lei a educação física passou a ser ministrada da mesma forma para ambos os sexos, e devido a alguns movimentos sociais que emergiu a questão de igualdades para todos, ou seja, oportunidade para ambos os sexos, devido a mobilização feminista, algumas aulas passaram a serem mistas, por serem realizadas no mesmo espaço, para ambos sexos, porém não necessariamente, em conjunto (OLIVEIRA e DUARTE, s. d.).

Algum tempo depois, em primeiro de novembro de 1971, foi instituído o Decreto nº 69.450 que regulamenta a sistemática da área Educação Física na educação nacional a partir daquele ano. Nele se encontra, com relação à composição das turmas, a orientação que estas tenham 50 alunos/as do mesmo sexo. Vale ressaltar que, de acordo com Eustáquia Sousa (1997, apud Dorneles e Fraga, 2009), tal orientação norteou a ação da educação física escolar durante vinte e cinco anos, sendo substituída pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que em 1996 passou a regulamentar a educação no país (DORNELES e FRAGA, 2009).

A partir daí, muitas discussões a respeito das aulas mistas ou separadas ocorreram e ocorrem ainda nos dias atuais. Muitos professores e pesquisadores têm opiniões divergentes a respeito desse tema. Enquanto alguns defendem as aulas mistas, alegando que são oportunidades de se abrir espaços para discussões, debates e com isso a disseminação de estereótipos e preconceitos construídos a partir das diferenças existentes entre meninos e meninas, outros são a favor das aulas separadas justificando um melhor desenvolvimento e rendimento dos alunos, visto que possuem características, competências, habilidades físicas e interesses diversificados, o que levará a situações de conflito e desarmonia entre os educandos.

Para Oliveira e Duarte (s. d.), o que acentua os estereótipos de gênero nas aulas de educação física na escola, é a determinação das atividades por sexo, por exemplo, a menina dança e o menino joga futebol. Se o objetivo das aulas é desenvolver as qualidades físicas, e as habilidades motoras, que são igualitárias aos

dois sexos, se são trabalhados a expressão corporal e o ritmo, são para os dois sexos, se for à força também se destina aos dois. O que não pode ocorrer é um sexo ser mais privilegiado em relação às oportunidades que o outro devido às características físicas serem mais determinantes em um sexo do que no outro. Com isso, nas aulas de educação física, acabam ocorrendo desentendimentos entre os alunos.

Então, não basta apenas colocar meninos e meninas num mesmo espaço, pois estes podem estar de igual forma “separados”, talvez pelas atividades diferenciadas para cada grupo, ou em outras situações estão no mesmo espaço, mas são separados por tempo de atividade. Há que se discutir a respeito de tais questões. É preciso oportunizar aos alunos a problematização e reflexão sobre as diferenças, os conflitos, as dificuldades e as questões relacionadas a gênero, que surgem durante as aulas.

Sobre isso, Altmann (1998, *apud* Sousa e Altmann, 1999) comenta que sendo gênero uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante aulas de educação física, porque gênero, idade, força e habilidade formam um “emaranhado de exclusões” vivido por meninas e meninos na escola.

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores frequentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor frequência até mesmo do que algumas meninas (SOUSA E ALTMANN, 1999).

De outro lado, temos algumas considerações acerca das aulas de educação física separadas por sexo.

Numa pesquisa que aparentemente engloba a investigação citada anteriormente, Louzada (2006, *apud* Dornelles e Fraga, 2009) trata das representações dos/as professores/as sobre a distribuição dos/as estudantes por sexo na educação física escolar e relata que, segundo o grupo de professores/as

investigado, as justificativas das aulas separadas são: a diferença de habilidade entre meninos e meninas (localizando as meninas como inferiores aos meninos, segundo o autor); maior facilidade para trabalhar conteúdos marcados pelo confronto e pelo contato pessoal e que sejam próprios do universo feminino ou masculino (DORNELLES e FRAGA, 2009).

No entanto, esses mesmos autores, apontam como aspecto negativo da separação, as impossibilidades com relação às discussões, problematizações e questões de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na educação física escolar. Isto é, há “(...) menor incidência de questões de gênero. Num grupo de mesmo sexo não ocorre discriminação de gênero” (LOUZADA apud DORNELLES e FRAGA, 2009), portanto, perde-se a oportunidade de problematizar o assunto.

De acordo com Santos e colaboradores (2007), essa separação por sexo continua, ainda, em algumas escolas brasileiras. Visto que a tal diferença entre os corpos, feminino e masculino, seria mais visível e um empecilho, nas aulas esportivas. É cientificamente comprovada a questão de os meninos serem mais fortes, durante a puberdade, como já fora citado. Mas, partindo-se do pressuposto papel da Educação Física escolar, cujos objetivos não incluem rendimento, torna-se viável o trabalho com um único grupo de alunos.

Mas por outro lado, será que as escolas e os professores estão preparados para trabalhar com aulas mistas?

São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente (SOUSA E ALTMANN, 1999).

Portanto, se os padrões de comportamento construídos socialmente e culturalmente continuam praticamente inalterados ao longo do tempo, certamente um dos espaços nos quais há maior possibilidade de mudança desse quadro é o ambiente escolar, visto que é um lugar de formação, possibilita a interação social, as relações interpessoais e o mais importante, é um espaço que oportuniza discussões e reflexões a respeito das diferenças existentes entre os sujeitos, a fim de resolver os conflitos que possam vir a existir. Além disso, a escola pode (e deve) ser a melhor

das ferramentas da sociedade na luta pela disseminação de comportamentos sexistas e discriminatórios.

São essas questões apresentadas acima que levam a formular o problema dessa investigação:

Como professores e estudantes de Educação Física se colocam frente a esse debate? Quais são os argumentos pelos quais justificam a realização das aulas de educação física ministradas de forma mista ou separada nas escolas?

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Segundo Cauduro (2004, p.20), “a pesquisa qualitativa é aquela que procura explorar a fundo conceitos, atitudes, comportamentos, opiniões e atributos do universo pesquisado, avaliando aspectos emocionais e intencionais, implícitos nas opiniões dos sujeitos da pesquisa, utilizando entrevistas individuais, técnicas de discussões em grupos, observação e estudo documental. É fundamental e subjetiva”.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com dois professores de esportes, da Escola de Educação Física da UFRGS, com dois estudantes formandos de Educação Física - Licenciatura, também da UFRGS, sendo uma mulher e um homem nos dois casos, bem como com os dois professores da disciplina de Educação Física de um Colégio Estadual de Porto Alegre, o qual realizei o estágio do Ensino Médio em 2011/2. É importante ressaltar aqui, que as identidades dos participantes do presente estudo foram preservadas, não havendo risco de exposições involuntárias.

Nas entrevistas semi-estruturadas o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras (BONI e QUARESMA, 2005).

As entrevistas foram realizadas da seguinte forma: a entrevistadora (essa que vos fala) entrava em contato com os sujeitos individualmente e marcava um determinado horário e local para a realização da entrevista. Essas conversas foram gravadas e, posteriormente, transcritas pela própria entrevistadora.

A análise das informações coletadas nas entrevistas foi feita a partir da transcrição e leitura de cada entrevista, onde foi possível observar pontos comuns dentro dos relatos obtidos. Assim, elaborei tópicos (ou categorias) que reúnem os

pontos mais relevantes, norteando a interpretação do material obtido a partir da coleta das informações.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por determinados critérios que julgamos apropriados para o objetivo da pesquisa. Os professores participantes do estudo deveriam ministrar algum esporte na Universidade, a fim de analisarmos como se dá a sua maneira de trabalho dentro do tema estudado. Já os estudantes participantes da pesquisa, deveriam estar próximos a conclusão do curso, já que em breve estarão atuando no ambiente escolar e vivenciando as situações discutidas aqui. Os dois professores do Colégio Estadual foram selecionados por trabalharem num ambiente onde há as duas situações: turmas separadas e mistas. Sendo assim, vivenciam diariamente as questões discutidas no presente estudo, sendo que um deles ministra as aulas de educação física somente para as meninas, enquanto o outro trabalha com os meninos e com uma turma mista.

Outro critério importante utilizado na seleção dos sujeitos foi a existência de um vínculo afetivo com o entrevistador, pois segundo Boni e Quaresma (2005), a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em forma de tópicos dos temas mais abordados durante as entrevistas e ao longo da revisão de literatura do presente estudo. Em determinados momentos, serão apresentados alguns recortes de falas dos alunos e professores que participaram da entrevista.

Os tópicos foram elaborados pela autora desse trabalho, que, durante a leitura das entrevistas, observou pontos comuns dentro de cada uma delas, criando assim, as categorias abaixo, que reúnem os pontos mais relevantes do que foi encontrado ao longo dessa pesquisa.

7.1. Relação entre Experiências e Opinião sobre o Tema Abordado

Os seis indivíduos entrevistados, evidentemente tiveram experiências distintas ao longo de sua vida estudantil, bem como de sua carreira profissional. No entanto, todos comentaram a respeito das boas lembranças que possuem de suas aulas de Educação Física (EF) nas escolas em que estudaram. Inclusive a maioria dos entrevistados mencionou o fato de que tiveram bons professores de EF e esse foi um fator determinante na escolha da profissão. Outro fator mencionado por todos os entrevistados e que igualmente influenciou na escolha da profissão, foi a facilidade e o envolvimento com o esporte, desde cedo.

Três dos sujeitos entrevistados, os dois professores da UFRGS e um professor da escola pública, relataram que suas experiências com a EF escolar foram predominantemente com aulas separadas por sexo. Isso ocorreu em função da época em que foram estudantes, entre as décadas de 60 e 70, onde a EF passava por um momento de transição, passando a ser obrigatória nas escolas. Nesse período, sabe-se que as atividades esportivas começaram a ganhar mais espaço nas aulas e as mulheres aumentaram a sua participação nas aulas de EF.

O relato da professora entrevistada nos confirma essas informações:

A minha escola era só de meninas... Porque as escolas eram divididas entre escola de meninas, escola de meninos. Até o final da década de oitenta foi assim.

Eu me lembro que na época da faculdade, a ESEF, na década de 70, todas as disciplinas eram divididas por sexo, quando eu cheguei ao último semestre, eu me inscrevi nas cadeiras masculinas. Ninguém sabia que o computador não fazia a distinção de sexo, e eu fui matriculada nas disciplinas masculinas. Isso foi um choque, porque eu estava matriculada em remo, futebol de salão, esgrima II, que na época eram masculino. Os professores tiveram que me aguentar, e eu fiz a disciplina toda (H.A.).

No entanto, diferentemente dos outros dois professores que estudaram na mesma época, essa professora sempre trabalhou com aulas mistas e é completamente a favor dessas aulas como ela comenta a seguir:

Eu acho que as aulas tem que ser sempre mistas, os grupos de pesquisa de extensão tem que ser mistos, por quê? Porque as pessoas tem que aprender a trabalhar com o sexo oposto e saber disso as vantagens. É claro que tem diferenças, mas tem vantagens e tem que saber tirar essas vantagens. Eu tenho grupos aqui de extensão que são mistos. Os professores mistos, as crianças mistas, e elas trabalham muito bem quando a professora é uma moça e trabalham muito bem quando o professor é um homem. Eles não deixam de evoluir na qualidade do trabalho em função disso (H.A.).

Os outros dois professores, também estudantes dessa época, se mostraram um pouco mais resistentes a respeito das aulas mistas. O professor da escola pública contou-nos que estudou na época da ditadura e que a EFI tinha muita relação com o exército, com a disciplina, os exercícios físicos eram muito cobrados, e havia bastante ginástica localizada. Relatou-nos também que essas vivências, juntamente com as experiências como docente, o influenciaram na forma que ele pensa hoje sobre as aulas mistas ou separadas.

Sobre as aulas serem mistas ou separadas, eu tenho hoje a mesma opinião que eu tinha na época. Eu penso que é muito diferente, especialmente em termos de valência física e o mais importante, a parte mental do aluno, sua maturidade, as vontades, o desempenho nas mais variadas atividades é muito diferente. E o que acontece no meu ponto de vista, é que é muito difícil para eles, especialmente nessa faixa etária, pros pequenos não tanto, mas de quinta a oitava série em diante, especialmente os meninos, não tem maturidade, então eles não medem velocidade, força (...) E isso acaba causando acidentes, as meninas ficam com medo de jogar e se machucar (B.L.).

Um estudo de Louzada e Deivid (s.d.), ao investigar o discurso de seis alunos do ensino médio, três meninas e três meninos, sobre as aulas mistas e separadas, mostrou que as alunas tendem a focalizar o discurso na violência dos meninos, que representa uma ameaça de lesão. A presença de meninos no jogo misto, tende a intimidar as meninas, que optam por tornarem-se coadjuvantes, sem

coragem para participar e ter iniciativa: “quando as meninas estão sozinhas, elas têm uma coragem maior de tentar jogar”.

Nesse mesmo estudo, apenas um aluno enunciou um aspecto caracterizado como desvantagem das aulas separadas por sexo ressaltando que as meninas não teriam oportunidades de elevar o seu nível de aptidão física e habilidade motora, aspecto que só poderia ser conquistado na presença dos meninos nas aulas (LOUZADA e DEVIDE, s.d.).

Ainda na entrevista com o professor citado acima, o mesmo aponta o fator sócio-cultural como fator de grande influência nas diferenças de gênero presentes nas aulas de EFI:

Na realidade atual, eu sou a favor das aulas separadas. Quando houver uma mudança significativa, eu acredito que dê pra trabalhar em efi com aulas mistas, mas tem que mudar bastante coisa, mentalidade, maturidade, mais espaço da mulher na sociedade, que já tem bastante. Na medida que não haja nenhum preconceito de atividades, na medida em que o aluno saiba que ele tem que respeitar o espaço dela na aula, tanto nas atividades que serão feitas quanto no desempenho durante as atividades, ou seja, menos força, mais sociabilização, mais integração, nesse sentido (B.L.).

Quando questionado sobre as aulas de EFI se tornarem um espaço para essas possíveis mudanças, respondeu acreditar que sim, que as aulas podem ser um espaço para isso, no entanto, o trabalho deverá ser feito desde muito cedo.

O professor entrevistado da UFRGS, que ministra uma disciplina de desporto, dentro dessa universidade, relatou que tanto na sua vivência estudantil como nas experiências como docente, as aulas separadas por sexo estiveram sempre presente, em quase todo o tempo. Atualmente trabalha com aulas mistas, embora em muitos momentos ainda realiza a separação entre meninas e meninos, especialmente no momento de jogar. Inclusive nos relata o fato de que essa é uma condição imposta (ministrar as aulas de forma mista) pela universidade e não uma opção metodológica.

Ao ser questionado sobre ser a favor das aulas mistas ou separadas, respondeu-nos da seguinte forma:

Eu não tenho muita leitura desse tema especificamente e tudo o que eu acredito está baseado nos anos de prática (...) eu acho que as aulas mistas realmente dão muito mais oportunidades, mas elas exigem muito mais atenção de quem dirige... Tem diferentes sensibilidades no jogo (...) tenho muitos elementos que me fazem ser a favor, mas acho que o que sempre

vai definir é o objetivo que está colocado. Se é objetivo de treinamento, eu acho complicado as turmas mistas (...) Na escola, nas aulas de efi, nesse momento eu diria que, sempre baixo ótima direção, as aulas mistas tem muito mais vantagens separadas. Eu acho que a nossa vida hoje impõe, que as pessoas desenvolvam, os homens o seu lado feminino também, e as mulheres, o seu lado masculino também, sem perder aquilo que as caracteriza, que é uma sensibilidade diferente. Então as coisas estão se misturando bastante e acho que essa mistura é muito boa pra ambos (M.B.).

O mesmo professor ainda relata um fato interessante que ocorreu no semestre 2011/2, pela primeira vez em suas aulas. Fato esse que demonstra as mudanças do papel feminino em relação aos esportes de competição. Vejamos o que ele diz a respeito:

Poucas vezes e, curioso, esse semestre, a primeira vez que me aconteceu, em 30 anos, das gurias ficarem chateadas quando eu dividi e fiz jogo só de mulheres e só homens. Elas ficaram muito ofendidas. Até hoje, fora esse caso único, sempre as gurias, não poucas vezes, pediam pra fazer o jogo separado, para poder participar mais e ter mais segurança. Mas nesse semestre parece que as coisas não aconteceram bem assim. Mas foi um caso, uma situação (M.B.).

Sobre esse fato, o entrevistado justifica as características físicas das meninas dessa turma especifica, bem como a crescente cultura esportiva do naipe feminino.

Os outros três sujeitos entrevistados estudaram e estudam em épocas diferentes. Mas ainda assim, as opiniões se dividem. O segundo professor entrevistado, que ministra aulas numa escola pública e que também foi estudante da UFRGS, deixou muito claro em sua entrevista que é totalmente a favor das aulas separadas por sexo. Atribui a esse pensamento atual, especialmente a sua prática como docente. Vejamos o que ele diz a respeito:

(...) fui eu que briguei aqui o colégio pra que mudasse e tivesse aula separada. Eu gostava de aulas separadas e sempre que as aulas eram com as gurias, eu achava que a aula não andava e hoje, quando dou aula, eu acho também que a aula não anda quando mistura meninos e meninas. Então sou adepto das aulas separadas por sexo, sempre gostei.

Quando eu dava aula aqui com turmas mistas de manhã, e com turmas separadas em outro colégio, no turno da tarde, a minha manhã parecia que durava 10 horas e a minha tarde durava 3, num mesmo dia. Eu saía acabado de cansado daqui e no outro colégio era tranquilo. Então eu acho que também precisamos pensar nisso, pensar no nosso lado também, enquanto profissionais, o desgaste que temos pra trabalhar, pra conseguir levar a turma, e o rendimento (J.F.).

Em diversos estudos, os autores mencionam as dificuldades enfrentadas pelos professores durante as aulas de EFI. Sousa e Altmann (1999), explicam que

são inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

Oliveira e Duarte (2007) apontam a importância da compreensão do significado da prática co-educativa por parte dos professores a fim de beneficiar os alunos. A co-educação é entendida como uma prática conjunta com meninos e meninas, com isto, torna-se importante para o campo pedagógico, apesar de muitos professores resistirem as práticas conjuntas, principalmente devido aos interesses distintos dos alunos e das alunas. (...) O papel do professor é levar o aluno a uma participação efetiva na vida social, aprendendo através das atividades físicas e esportivas a aceitar as diferenças de sexo (OLIVEIRA e DUARTE, 2007).

Os dois estudantes em formação, próximos de entrarem no mercado de trabalho, se mostraram a favor das aulas mistas. E atribuem a isso algumas poucas discussões que foram feitas sobre esse tema dentro da universidade, bem como suas experiências como alunos. Apesar de demonstrarem sua preferência pelas aulas mistas, ao mesmo tempo mostraram-se abertos a mudanças de opinião, em vista do fato de que logo estarão atuando nas escolas e terão diferentes visões ou não, a respeito da prática como docentes.

O aluno entrevistado justificou as aulas mistas da seguinte forma:

Sou a favor das aulas mistas, pela ideia que tenho da efi na escola. Não tem porque separar, uma vez que eu não vou exigir que sejam os melhores, se a minha preocupação não é que o time ganhe, ou que o aluno faça muitos gols, e sim que todos participem, o máximo possível, até porque tem meninas que muitas vezes são muito melhores que os meninos (M.P.).

Se os corpos de meninos e meninas estão juntos nas salas de aula, também podem estar juntos na quadra. Nas aulas de EF em que professores estejam preocupados com a educação integral de seus alunos, não se justifica a separação dos sexos, impedindo meninos e meninas de se desenvolverem e aprenderem a conviver juntos, respeitando-se mutuamente (LOUZADA E DEVIDE, s.d.)

Ainda sobre esse tema, a aluna entrevistada comenta:

Eu acho que o melhor é que as aulas sejam mistas. Até pela minha experiência de atleta é melhor as aulas mistas porque te dão um desafio maior. No colégio, posso estar enganada, mas eu penso que as aulas

mistas levam vantagens em relação as aulas separadas, porque cria desafio, e quando há desafio, a pessoa cresce (A.S.).

Portanto, é possível perceber por meio das falas, que as opiniões se divergem bastante, alguns mostrando que são a favor das aulas mistas e outros, a favor das aulas separadas. É importante ressaltar aqui, a importância da formação estudantil de cada sujeito e a influência que ela exerce sobre a representação que cada sujeito possui a respeito do tema abordado, aulas de educação física mistas e separadas.

7.2. Diferenças: Fatores Biológicos ou Culturais?

A questão das diferenças apresentadas por meninos e meninas e que se evidenciam no momento das aulas de EFI, foi um ponto comentado por todos os entrevistados. Todos os sujeitos mencionaram em suas falas, que as diferenças entre meninos e meninas são resultado dos fatores biológicos, mas que também sofrem interferência da cultura e de valores sociais atribuídos para o sexo feminino e masculino.

Como vimos no Referencial Teórico, muitos autores também falam dessas diferenças e realizam seus estudos na tentativa de encontrar uma explicação para a existência dessas divergências mostradas por cada sexo.

Para Santos e et al (2007), há duas visões a fim de justificar a origem das diferenças de gênero: uma de caráter biológico e a outra, cultural (Rogoff, 2005). A *preparação biológica dos papéis de gênero* sustenta que as estratégias reprodutivas são bastante distintas, partindo-se do instinto de assegurar a sobrevivência dos genes. As diferenças de gênero seriam decorrentes do fato de as mulheres investirem muito em cada filho, enquanto os homens não precisam se esforçar tanto para obter o mesmo efeito. Sendo assim, as mulheres se comprometem a criar seus filhos, ao passo que os homens proporcionam sua proteção.

Abreu (s.d.) explica que muitas das diferenças são frutos de fatores culturais, e outras são provenientes de características biológicas que, a meu ver, não devem impedir o convívio integrativo de ambos os sexos. Até porque, enquanto os condicionamentos sociais não desaparecem, ou, pelo menos, diminuírem, não

poderemos afirmar veementemente em todas essas diferenças são relativas às qualidades físicas.

Os docentes alegam que normalmente são os alunos e as alunas que preferem que haja separação da turma por sexo. Isto não justifica uma atitude acrítica por parte dos docentes que se abstêm de um questionamento mais sério sobre este contexto, como, se por esses conceitos, entendêssemos que “cada um deve fazer que se quer” ou “que a maioria quer desse jeito”. É ingênuo pensar que alunos e alunas preferem esta divisão apenas por uma opção individual. Tanto os meninos quanto as meninas irão “preferir” este ou aquele jogo, pois já estão impregnados de valores discriminatórios advindos de condicionantes sociais (ABREU, s.d).

Os professores entrevistados, que possuem mais experiência pessoal e profissional, mencionaram ainda a questão das mudanças no papel feminino dentro das aulas de EFI. Abaixo um trecho da fala de um deles:

(...) essa questão cultural vem mudando com o passar dos anos, pelas atitudes, especialmente a mudança da mulher em relação a sociedade. Isso vem mudando. Mas eu acredito que o nosso estado ainda guarda um pouco daquela cultura antiga, por sua própria historia. Então está mudando, melhorando, abrindo mais a mentalidade, mas acredito que isso ainda vai levar algum tempo pra estabilizar ou que se pense da mesma forma em termos de atividade pra guris e pra gurias, acho que vai chegar, mas penso que ainda não está no momento, demora um tempo (B.L.).

Eu penso que isso é o reflexo da sociedade que reforça que a menina sempre tem que estar arrumadinha, direitinha, cheirosinha e o menino pode ir de qualquer jeito, pode ir maltrapilho pra aula, vai jogar bola, depois vem todo suado e segue seu dia sem ninguém dar bola. O menino estar todo sujo é normal, já a menina que está suja, ou mal vestida, ou que não está cheirosa ou arrumada, é desleixada. Então isso existe na sociedade. Está mudando, mas ainda está incutido na sociedade e as gerações vão evoluindo, porém as mães ainda passam isso pras suas filhas e não adianta, tem coisas que demoram 10 gerações pra mudar, e essa é uma. Está diminuindo (J.F.).

No entanto, ainda com as transformações ocorridas ao longo dos anos no que diz respeito a maior participação das mulheres nas aulas de EFI e o fato de terem diferentes características em relação os homens, ainda há resistência dos próprios docentes quando são questionados sobre a sua função nesse espaço de mudanças e problematizações, como vemos a seguir na fala de um dos professores entrevistados:

(...) eles [referindo-se aos alunos] já têm 11 ou 12 disciplinas e passam o dia inteiro juntos, eles têm aula o tempo todo juntos. É um momento de 2 períodos onde separa, então eu penso que eles não estão perdendo, e sim ganhando com isso. Eles já trabalham juntos, já têm esse momento pra conviver, socializar, trocar ideias, ver diferenças de raciocínio, de pensamentos (J.F.).

Verifica-se que o posicionamento dos entrevistados é semelhante no que diz respeito as diferenças entre meninos e meninas, mostradas nas aulas de EFI e sobre a/as origens dessas diferenças. No entanto, quando se trata do que fazer frente a essas diferenças, vemos opiniões que se divergem entre os sujeitos dessa pesquisa. Os alunos numa perspectiva muito mais inclinada a reflexões e discussões sobre as características atribuídas a cada sexo e, os professores, mostrando-se mais resistentes ao exercício de problematizar com os educandos em suas aulas.

7.3. Vantagens e Desvantagens das Aulas Mistas e das Aulas Separadas

Quanto ao quesito “vantagens da separação”, Mauro Louzada (2005) e Neíse Abreu (1995) apresentam a *maior homogeneidade das turmas* como um aspecto positivo, o que, conseqüentemente, aumenta as *possibilidades de um trabalho pedagógico voltado para o treinamento* – citado como outro argumento (DORNELLES e FRAGA, 2009).

Durante as aulas separadas, o professor não pode dar atenção aos dois grupos ao mesmo tempo, prejudicando o andamento e a qualidade da aula. Em escolas que não possuem espaço adequado, meninos e meninas ficam esperando para revezarem o espaço, quando se a EFI fosse mista, ambos poderiam participar mais das aulas (LOUZADA E DEVIDE, s.d.).

Os autores citados acima explicam que o argumento comum apresentado para separação por sexo na EFI é a alegação da falta de habilidade motora das meninas, prejudicando o andamento da aula. Abreu (1992) observou que irmãos e irmãs tendem a receber uma educação diferenciada, com os meninos dispendo de mais tempo livre para brincadeiras, enquanto as meninas são mais solicitadas pelas mães para ajudarem nos afazeres domésticos, tendo menos tempo livre para brincar. Assim, meninas vivenciam experiências motoras mais tarde, na escola.

As aulas mistas, co-educativas, objetivam problematizar as relações de gênero, objetivando uma compreensão da construção cultural das diferentes posições de poder ocupadas pelo feminino em relação ao masculino e vice-versa na nossa sociedade, assim como tenta reverter ou minimizar algum tipo de hierarquia entre esses polos (DORNELLES e FRAGA, 2009).

Portanto, as vantagens dessas aulas seriam as oportunidades e possibilidades oferecidas aos alunos de compreenderem as diferenças entre si, refletirem e problematizarem a respeito das causas e das situações em que as divergências sociais e físicas levam a conflitos e dificuldades de convivência entre eles.

Durante as entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, percebemos que em relação às vantagens e desvantagens das aulas mistas e/ou separadas, os professores e alunos entrevistados pensam de forma semelhante, apontando especialmente o aumento no rendimento físico de cada grupo e redução de “acidentes” como vantagens das aulas separadas e a sociabilização, interação e aceitação de diferenças como vantagens das aulas mistas.

Segue abaixo alguns dos relatos dos entrevistados:

As aulas mistas são mais vantajosas, as vantagens são a integração da turma, não cria “panelinhas”, evita preconceitos, bullying e inclui a todos (aluna A., que é a favor das aulas mistas).

(...) eu tenho certeza de que deviam sempre trabalhar mistos pra aprenderem as diferenças. Não é pra manutenção da diferença, é pra entender as diferenças, pra entender porque menina é diferente de menino. Se forem separados sempre acharão diferenças. Eles tem que entender e saber respeitar essas diferenças. As pessoas em geral, nas escolas, nos clubes em todos os trabalhos, porque são dois sexos absolutamente diferentes com comportamentos diferentes desde a fase inicial de vida. Eu acho que não pode fazer essa divisão, pelo contrário deve fazer sempre o coletivo e sempre com os dois sexos juntos (professora H.A., também a favor das aulas mistas).

Na minha opinião, é mais interessante a aula mista, não tem justificativa separar, porque não é o objetivo da educação física na escola, a competição e o desempenho dos alunos. Na aula mista dá para trabalhar muitas outras coisas que talvez ajudassem os alunos a entenderem melhor a função das aulas, de terem mais a vivência e participarem mais (...) Ao mesmo tempo, os guris são mais competitivos, têm algumas meninas que também são, mas os guris as vezes são muito agressivos ou não passam a bola para as meninas, praticamente a mesma coisa que no ensino fundamental. Tem professor que adota a estratégia de separar os meninos das meninas no jogo. Não sei, mas acho que algumas vezes até é bom para as meninas se sentirem mais a vontade e participarem (aluno M.P., a favor das aulas mistas).

A aula mista quebra um monte de mitos e tabus, permite então as pessoas se desenvolverem como pessoas. Desvantagem concreta no mundo do esporte, eu penso que o treinamento misto é muito mais difícil de fazer, ele acaba prejudicando um ou outro. A iniciação esportiva, acho que não tem nenhum problema em ser mista (professor M.B.não tem opinião formada).

Assim, podemos notar que as em relação as vantagens e desvantagens das aulas de EFI, as opiniões são similares, ainda que alguns defendam e outros sejam contra as aulas mistas e/ou separadas. Penso que essa concordância de ideias é comum entre a grande maioria dos educadores e estudantes. Mas ainda sabendo das vantagens e desvantagens, por que há tanta discordância nas opiniões em relação a maneira como essas aulas devem ser dadas?

7.4. Esportes “de mulheres” e “de homens”?

É bastante comum escutarmos pessoas em diversas situações, em diferentes lugares, ou posições sociais, comentarem sobre a questão dos esportes “femininos” e /ou “masculinos”. Muitos acreditam que alguns esportes são mais adequados para a prática dos homens e outros esportes, mais apropriados para a prática das mulheres. Em contraponto, há pessoas que não pensam dessa maneira e afirmam que qualquer homem ou qualquer mulher, pode participar de todo e qualquer esporte e que embora os desempenhos sejam diferentes, o sexo não determina se o indivíduo pode ou não praticar uma atividade específica.

Abreu (s.d.), num estudo realizado com docentes e discentes, concluiu que os docentes entrevistados não têm a preocupação de contextualizar os conflitos existentes, nem de questionar os estereótipos sociais, o que acaba por reforçar os estereótipos, confirmando desta forma os modelos preexistentes. Exemplificando, temos um comportamento típico, fruto de implicações culturais, que é o fato de que o futebol é violento, e não deve ser jogado por meninas. No entanto, existem outros esportes que também são de contato corporal e são aceitos normalmente na prática escolar desportiva, tanto pelas meninas quanto por outras pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem. O resultado disso é que esta suposição reforçou o afastamento das meninas do futebol e da maioria das atividades e experiências motoras de coordenação olho/pé.

A autora referida acima, ainda explica que em suas observações e práticas, meninos e meninas que são submetidos a estímulos motores idênticos desde pequenos, desenvolvem com bastante prontidão e destreza esse tipo de coordenação (olho/pé). Os EUA, por exemplo, se diferenciam do Brasil na questão do traço que o futebol exerce na nossa cultura, pois lá é comum a prática desportiva do futebol para ambos os sexos, em aulas mistas e também fora da escola, demonstrando com isso as evidências de fatores culturais, e não biológicas, na aquisição de certas habilidades motoras (ABREU, s.d.).

Portanto, se todos que são submetidos as mesmas práticas, desenvolvem suas habilidades e aptidões de forma semelhante, será que existem práticas mais adequadas para um ou outro?

Dornelles (2011), explica que as práticas corporais, sejam elas esportivas ou não, foram (e vão) sendo culturalmente construídas como adequadas para homens e/ou mulheres em diferentes espaços e momentos históricos. Nesse sentido, autoras portuguesas destacam que os conteúdos da disciplina de Educação Física são orientados de forma diferenciada para meninos e meninas nas escolas daquele país.

O currículo dimensiona o que se deve conhecer. E o que se deve conhecer na Educação Física escolar está atravessado por sentidos e significados culturais associados ao universo masculino. Isto é, se no dia/momento livre estabelece-se uma negociação com “eles”; se o futebol é um conteúdo comum que ocupa grande espaço nas aulas de Educação Física, pois “eles” já vêm com essa vivência de fora da escola; se as atividades com as meninas são ditas como próprias de um tom mais recreativo; se os sentidos a elas atribuídos significam-nas como com facilidade em determinadas atividades esportivas, como o handebol, por exemplo; e se os meninos são descritos como competitivos ou com maior facilidade na aprendizagem de práticas esportivas, visibilizam-se algumas condições para tratar das relações de poder que se estabelecem ao considerarmos a produtividade do currículo esportivizado na Educação Física escolar (DORNELLES, 2011).

Num estudo, realizado pela mesma autora citada acima, o qual objetivava a problematização da separação de meninos e meninas na Educação Física escolar, na tentativa de compreender quais argumentos e justificativas eram rearranjados, mobilizados e engendrados na sustentação dessa prática, especialmente aqueles

ligados a corpo e gênero, a autora afirma (a partir dos resultados da pesquisa) que, em geral, os conteúdos trabalhados pelos/as docentes se voltam para as práticas corporais esportivas. E é ao trabalhar o esporte que a necessidade de separar “aparece”. Esportes como futebol, futsal, handebol, basquete e outras práticas corporais que, de forma especial, envolvam contato físico são enumerados como definidores de situações em que há dificuldade ou impossibilidade para o trabalho misto, isso pela suposta natureza distinta dos corpos de meninos e meninas e/ou pelos graus diferenciados de competitividade, movimentação, interesse em determinadas práticas e habilidades a elas associadas. Produz-se e é produzido, nesse contexto discursivo, o mito da fragilidade, apatia e lerdeza feminina e dos meninos forçados, agressivos e competitivos (DORNELLES, 2011).

Um dos professores entrevistados, quando questionado o porquê de ser adepto as aulas separadas por sexo, comenta:

Primeiro pelas valências físicas, que até a quarta, quinta série são parecidas, meninas e meninos têm a mesma força, coordenação... Tudo é bem parecido. A partir do sexto ano, que o menino começa a desenvolver um pouco mais a questão da força, e até um pouco mais da agressividade também, e aí começa a complicar. Depois, a nível de ensino médio, eu acho que já entra a questão sexual também, do constrangimento, das meninas, quando tu vais fazer uma aula de alongamento, algo assim, porque já desperta algo no menino de olhar pra menina, de cuidar de um outro jeito. A própria menina de se sentir olhada e a questão da vaidade, então eu acho que acaba atrapalhando. Na questão do ritmo de cada um, as meninas normalmente são mais vagarosas, têm um outro ritmo. Os guris são mais agitados, explosivos. Então se tu mandas fazer um determinado exercício, as meninas ou não fazem ou fazem devagar e os meninos fazem. Aí já começa aquela coisa de “ah, mas elas não estão fazendo, então porque eu tenho que fazer?”. Então tu tens que ter um trabalho muito maior eu penso, e há um desgaste muito grande pro professor e nós que trabalhamos 40h ou 60h, as vezes até mais, é um desgaste muito grande. Quando eu dava aula aqui com turmas mistas de manhã, e com turmas separadas em outro colégio, no turno da tarde, a minha manhã parecia que durava 10 horas e a minha tarde durava 3, num mesmo dia. Eu saía acabado de cansado daqui e no outro colégio era tranquilo. Então eu acho que também precisamos pensar nisso, pensar no nosso lado também, enquanto profissionais, o desgaste que temos pra trabalhar, pra conseguir levar a turma, e o rendimento. Se tu fores falar de qualquer rendimento, por exemplo numa aula de vôlei, de basquete, de qualquer desporto, as meninas individualmente, os meninos individualmente, o rendimento é muito bom. E quando junta, o rendimento é mediano, razoável, não mais que isso (J.F).

A partir do relato citado acima, podemos perceber o quanto ainda é difícil para os professores, compreender a função da educação física escolar. Na fala acima, é possível perceber a dificuldade que ainda existe em entender o significado das aulas co-educativas e o quanto são importantes no desenvolvimento de seus alunos.

Sabe-se que o desabafo do professor acima não é único e muitos pensam da mesma forma, porque sentem as mesmas dificuldades, e, muitas vezes, não sabem como trabalhar com elas. Muitos fatores podem influenciar nessa forma de pensar, como a carga horária exaustiva, a falta de condições adequadas para o trabalho, as experiências anteriores e a falta de discussões e reflexões sobre temas como esses, que são parte do trabalho e que deveriam ser primordiais nos espaços que se abrem para problematizações de questões relevantes para a escola.

Sobre isso, Sousa e Altmann (1999), comentam que são inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de educação física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente.

Dornelles (2011) explica que os professores entrevistados mobilizam a ideia de que as relações de gênero são construções culturais. Entretanto, estas falas são enunciadas para localizar que é fora da escola que os/as estudantes aprendem a se tornar meninos e meninas. Ou melhor, que é fora da escola que as construções culturais supostamente atuam sobre esses sujeitos, marcando-os como distintos.

Com isso, mostram que ainda existe uma dificuldade muito grande dentro das escolas, no que diz respeito às discussões dos temas que são relevantes e fundamentais para a melhor realização do trabalho como instituição educadora e formadora de cidadãos. Não há ainda uma conscientização por parte dos docentes a fim de transformarem seu espaço de atuação num ambiente de construção efetiva e desenvolvimento adequado dos seus alunos, oferecendo oportunidades de discussão e reflexão das diferenças e assim, que esses aprendam a aceitá-las para um melhor convívio entre si e o outro.

Nas entrevistas realizadas nesse estudo, a grande maioria dos sujeitos concordou com a ideia de que um determinado esporte não é mais apropriado para a prática de mulheres ou de homens. Cinco dos seis entrevistados foram unânimes em suas opiniões no que diz respeito as práticas esportivas estarem restringidas ao sexo do indivíduo. Inclusive, em algum momento das entrevistas, todos mencionaram que qualquer pessoa pode realizar qualquer atividade. No entanto, também foram enfáticos e objetivos ao dizer que há diferenças no rendimento das

mulheres e dos homens, nas dificuldades que cada um encontra ao praticar determinado esporte, bem como nas marcas que cada um atinge em cada esporte. E isso deve ser respeitado dentro das práticas desportivas.

Sobre isso, um dos professores entrevistados, comentou o seguinte:

Eu acho que não há esporte adequado pra sexo. Há um rendimento adequado e diferenciado de cada um. Qualquer esporte, até a GRD que eu fiz, pode ser feito por todos os sexos (J.F.).

A fala da aluna, também entrevistada, reitera o que foi dito anteriormente:

Eu acho que não existe esporte mais adequado pra mulher ou mais adequado para homem, tudo depende da habilidade que cada um adquire. Todos os esportes podem ser feitos por qualquer pessoa, independente do sexo. Os índices sempre serão diferentes, e os homens sempre vão competir com os homens e as mulheres com mulheres (A.S.).

O único sujeito que posicionou-se de maneira um pouco diferenciada dos demais, ressaltou a sua resistência em relação ao fato de todos, homens e mulheres, poderem praticar todo e qualquer esporte. Sobre isso, ele comenta:

Nesse momento eu tenho uma resistência importante com algumas modalidades, mas o avanço da tecnologia, o desenvolvimento da própria cultura fez a gente mudar muito as posições. Eu acho que está cada vez mais universalizada a prática dos esportes, mas eu ainda resisto um pouco a alguns esportes pras mulheres especialmente. Pros homens eu não sei se eles estão liberados pra tudo. A grosso modo acho que sim. Eu penso que isso é traço cultural, acho que conforme as coisas vão evoluindo, quem sabe venha a se modificar. Pro progresso, pra evolução do ser humano, penso que seria muito interessante que pudéssemos ir desenvolvendo todas as nossas aptidões, masculinas e femininas. Se tu me perguntasse se tem alguns caracteres, alguns valores que tu pensa que deveriam ser permanentemente masculinos, eu te diria que eu já achei muito mais do que acho hoje, que sim (M.B.).

Portanto, apesar das evoluções e mudanças ao longo do tempo, dentro do aspecto esportivo para homens e mulheres, ainda não há unanimidade de pensamentos e opiniões, como pudemos observar nos recortes das falas dos sujeitos entrevistados nesse estudo. Isso mostra que se as opiniões ainda se dividem, é porque ainda não existe uma compreensão adequada no que diz respeito a prática dentro da educação física escolar e seu objetivo. Alguns docentes ainda resistem ao fato de que todos os alunos podem e devem participar e vivenciar toda e qualquer atividade física, independente das características do exercício realizado. E isso é mais evidente em relação ao sexo feminino. Como pudemos perceber nas entrevistas, alguns professores comentam que os principais problemas das aulas

mistas acontecem quando as meninas participam com os meninos em determinados jogos, pela violência, interesses divergentes, entre outros. O resultado disso é a participação reduzida das meninas durante as aulas.

Silveira (2008), ao mencionar sobre a participação das mulheres nos esportes, não só a nível de alto rendimento, ou em ambientes escolares, mas também nos espaços públicos, explica que mesmo sendo inferior o número de mulheres praticantes de esportes ditos masculinos, é possível afirmar que *elas* praticam esses esportes. Logo, denomina de *esportes socialmente considerados masculinos* àquelas práticas esportivas que, em determinada sociedade, são reservadas aos homens. Ou seja, não são esportes que as mulheres não praticam, ou não estão adequados para elas, apenas são reconhecidos na sociedade como masculinos.

Um estudo realizado por Franzini (2005), que mostra o histórico da participação feminina dentro do futebol, explica que a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo — “coisa de homem”, lembremos; ao mesmo tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. Seja como for, para todas elas o *país do futebol* assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais, um lugar de exílio.

Por que isso ainda acontece? Se o nosso país é considerado pelo mundo como o país do futebol...? Como é possível que ainda haja tanto preconceito em torno da prática especialmente feminina dentro de alguns esportes, principalmente aqueles considerados mais violentos?

Vamos ver a seguir, o que justifica a separação ou não de meninos e meninas nas aulas de EFI, na visão de autores e dos entrevistados nesse estudo.

7.5. Justificativas para Aulas Mistadas e/ou Separadas

Dornelles (2011), a partir dos resultados de seu estudo, verifica que a fala dos professores entrevistados evidencia o quanto as representações de gênero

significam os argumentos utilizados pelos/as docentes para separar meninos e meninas. Nessa mesma pesquisa, a fala de alguns professores sinaliza como os enunciados da feminilidade passiva e da masculinidade ativa atravessam as justificativas para a separação, assim como em outras dimensões do social e em diferentes formações discursivas.

O mesmo estudo mostrou ainda que, em diversas situações, os/as professores/as utilizam as seguintes expressões para descrever os meninos: potência, força, velocidade, ação, energia, movimento, agressividade, 'cavalões', mobilidade, se movimentam com mais facilidade, rapidez, mais duros e diretos, raiva, agressividade, competitivos. Já para as meninas, as expressões incluem: têm menos habilidade, são lentas, lerdas, não acompanham, têm que ter paciência, meigas, calmas, delicadas, comedidas, menos energia e força. Essas descrições sinalizam como gênero é mobilizado para definir a capacidade de meninos e meninas como adequado/as ou não para determinados conteúdos, para atividades mistas e/ou para as aulas de Educação Física (DORNELLES, 2011).

Como vimos acima, são muitas as justificativas que os professores apontam para que as aulas de EFI sejam ministradas de forma separada ou mista. E nesse trabalho, também tivemos o objetivo de buscar saber as opiniões dos professores e alunos entrevistados, no que diz respeito aos elementos que justificam essa separação ou não de meninos e meninas nas aulas de EFI.

Na realidade, ao longo de toda a conversa, os entrevistados já davam de forma indireta, justificativas para as aulas mistas ou separadas. Mas ao lhes perguntar diretamente sobre as justificativas para as aulas de EFI serem mistas ou separadas, as respostas foram diferentes. Alguns apontaram elementos relacionados às vantagens e desvantagens de cada modelo de aula, outros comentaram a respeito das questões sociais que influenciam de forma importante essa questão, mas quase todos enfatizaram a importância do papel docente nessa situação. Podemos observar nas falas a seguir:

Essa necessidade que se cria nas aulas mistas, de um esperar pelo outro, de um reconhecer e identificar o ritmo do outro, sempre vai ser positivo. Em termos de extrapolar as condições físicas, eu não tenho opinião formada do que seria mais vantajoso ou desvantajoso, mas me chama muito a atenção

a responsabilidade que remetemos a quem dirige a atividade, pra que ele tenha claro, primeiro o que ele quer conseguir, o que ele está propondo com a atividade e com o tempo, indo buscar repostas (M.B.).

Quando nós, como sociedade, tivermos como cultura, um alcance nesse sentido, acho que não teremos nenhuma duvida em relação ao tipo de atividade. Eu acho que talvez será uma atividade mista naturalmente. Então é uma questão cultural e o professor tem responsabilidade sobre isso, a sociedade como um todo e o professor na função dele, se ele começar a diversificar, a trabalhar de uma forma diferente com apoio da estrutura toda, com uma modificação social em relação a conceitos, todo esse conjunto, eu acredito que num determinado tempo, a tendência é que a efi mais adiante seja desenvolvida de uma forma mista (B.L.).

A EFI seria um espaço pra diminuir as diferenças entre meninos e meninas, mas como o trabalho não é 100% bem feito, isso não acontece. Penso que as aulas separadas aumentariam as diferenças e que as mistas, conseqüentemente diminuiriam. O professor deve ajudar o aluno a pensar que o seu colega, seu companheiro também é capaz de fazer aquilo que está sendo proposto. Mas em primeiro lugar, o professor tem que dar a aula. E geralmente quando tu gosta do professor e das aulas de efi, é porque ele tem realmente dado as aulas, do contrário, ocorre um desinteresse por participar das aulas (A.S.).

Sobre o papel da escola e do professor de EFI, Furlan e Santos (2010), explicam que a escola deve atuar de maneira a conduzir o processo educativo, discutindo e problematizando afirmações postas como verdades indiscutíveis fundamentadas numa representação social construída ideologicamente. O educador deve estar ciente da sua função social, desconfiando das coisas ditas naturais, para uma melhor intervenção em suas aulas. As mesmas autoras ainda comentam que seu intuito não é colocar toda a culpa dessas desigualdades sociais na escola, mas insistir nas mudanças que esta pode incitar para que os processos educativos possam tomar rumos diferentes.

Em algumas situações, é a própria educação física e a prática do professor/a que se limitam a trabalhar os esportes por facilidade pedagógica, sem questionamentos e reflexões (FURLAN e SANTOS, 2010).

Um dos professores entrevistados mencionou que essa situação também depende do regimento de cada escola, de cada município ou estado, como relata em sua fala, quando questionado a esse respeito (justificar as aulas mistas e separadas):

O regimento próprio de cada escola, a ideia da secretaria de educação de cada município, se acha que deve ou não deve. Na secretaria de educação do estado, no caso, é facultativo (J.F.).

Portanto, como vimos nas falas acima, o contexto social e o que o papel do professor de EFI vem sendo bastante discutidos quando se trata de justificar as aulas mistas e separadas. No entanto, percebemos que as opiniões se divergem mesmo entre os profissionais e estudantes da área estudada. Em diversos momentos de suas falas, os estudantes mencionaram que sentiram falta de que esse assunto fosse mais discutido em suas aulas na própria universidade, tanto nas aulas práticas, quanto nas aulas teóricas. Mas com o pouco que discutiram nesses momentos, suas opiniões ainda se inclinam a favor das aulas mistas.

Segundo Furlan e Santos (2010), as aulas de educação física devem trabalhar num sistema de coeducação, pois este visaria diminuir as diferenças presentes entre meninos e meninas, diferenças que foram socialmente construídas e afirmadas ao longo da educação e mais especificamente da prática da educação física. Pelo fato de, historicamente, a educação física ter trabalhado em regime de separação entre os sexos, segundo um adestramento de corpos e movimentos adequados a cada um deles, há ainda resistências ao trabalho integrado. Muitas vezes o conteúdo trabalhado é o mesmo, mas o tratamento é diferenciado para os sexos.

Os dois professores da escola pública, se posicionaram a favor das aulas separadas, especialmente em função das experiências e vivências pessoais ao longo da carreira estudantil e profissional, porém, parecem não compreender o significado e a importância das aulas co-educativas. Um deles, mostrou-se aberto a mudanças, enquanto o outro foi bastante objetivo e claro, dizendo que não acredita nas aulas mistas e que estas ofereçam benefícios aos alunos.

O professor entrevistado, da UFRGS, explicou que não tem uma opinião formada sobre o assunto, pois muitas mudanças tem ocorrido ao longo dos anos e ele tem mudado seu conceito a respeito de diversas questões, inclusive essa das aulas mistas ou separadas e da maior participação feminina no esporte. Por fim, a professora entrevistada, também da mesma universidade, foi muito clara ao defender as aulas mistas e justificou a sua prática de forma enfática, explicando que

essas aulas constroem o ideal das aulas de EFI, que é vivenciar os mais diversos exercícios e atividades, entender e respeitar as diferenças entre si e o outro. Ela também comentou o papel do professor e criticou aqueles que “fogem” da sua responsabilidade de trabalhar com essas diferenças entre os alunos. Vale lembrar que esta professora, acompanhou as transformações do papel feminino e sofreu preconceitos durante a sua vida, pois sempre esteve envolvida com o esporte. Sendo assim, talvez esse fato também contribua para sua opinião atual, a favor das aulas mistas co-educativas.

Para Sousa e Altmann (1999), mesmo entendendo que o ensino escolar é uma alavanca de potencial limitado para a conquista de objetivos que afetam valores e comportamentos enraizados nos distintos grupos sociais, acreditamos que existe a possibilidade de ampliação de espaços para a construção de relações não-hierarquizadas entre homens e mulheres, para a qual a escola pode contribuir.

Dornelles (2011), em relação à discussão sobre qual a melhor forma de trabalhar nas aulas de EFI, se de forma mista ou separada, conclui que o interessante é instigar a possibilidade de fazermos outras perguntas sobre corpo, gênero e sexualidade com relação à Educação Física escolar separada e mista. É exercitar o olhar, suspeitar, duvidar de práticas comuns ao cotidiano da disciplina de Educação Física na escola. Sem demarcar o formato misto ou o separado como mais adequado para as aulas dessa disciplina, o que define a positividade deste texto é a possibilidade de questionarmos o que se constitui como natural e incorporado na Educação Física escolar.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendia identificar elementos que justificassem as aulas de educação física ministradas de forma mista ou separada nas escolas. Sabendo disso, fomos atrás do que diziam os autores e os entrevistados a respeito desse tema e encontramos diversas ideias e diferentes concepções a respeito das aulas de EFI mistas e separadas. Ao longo dessa pesquisa, também foi possível propor reflexões sobre o tema pesquisado. Sabe-se que tal exercício é fundamental no ambiente escolar, especialmente para os professores de educação física.

Conforme vimos, os estudiosos, a partir de suas observações e pesquisas, mostram o quanto as questões de gênero estão presentes no âmbito escolar, de forma muito marcante nas aulas de educação física. Em seus estudos, os autores evidenciam a grande divergência de opiniões que há em torno da discussão se deve-se separar meninos e meninas nas aulas de EFI, ou não. Também apontam os motivos que levam esses professores a pensar da forma que pensam, bem como indicam os motivos, através das pesquisas realizadas, que os levam a defender essa opinião. Esses motivos são influenciados por muitos fatores que vão desde as condições de trabalho oferecidas, as experiências pessoais, e estudos realizados até os fatores sociais envolvidos nesse contexto.

A análise dos resultados a partir das entrevistas, apresentadas por meio dos tópicos: *Relação entre Experiências e Opinião sobre o Tema Abordado; Diferenças: Fatores Biológicos ou Culturais?; Vantagens e Desvantagens das Aulas Mistas e das Aulas Separadas; Esportes “de mulheres” e “de homens”?* e *Justificativas para Aulas Mistas e/ou Separadas*, trouxe elementos que indicaram não haver consenso por parte dos autores, ainda que a grande maioria aponte mais aspectos positivos relacionados as aulas mistas. Em relação aos sujeitos entrevistados, verificamos que esses possuem diferentes ideias quando se trata do tema abordado. Três entrevistados, os dois alunos e a professora da UFRGS, defenderam as aulas mistas, segundo eles, por serem aulas que oferecerem maiores oportunidades de crescimento pessoal, social e cognitivo ao aluno. Já os dois professores de escolas públicas foram a favor das aulas separadas, por entenderem que essas envolvem

menos conflitos de interesses, ideias, evitam acidentes e melhoram o rendimento físico dos alunos. Um dos sujeitos entrevistados, mostrou-se imparcial sobre o assunto, mas disse estar aberto à novas descobertas e mudanças que estão ocorrendo e que ainda ocorrerão dentro da sociedade, da escola e conseqüentemente, dentro da educação física.

Apesar de toda a discussão em torno desse tema, esse trabalho constatou a dificuldade de muitos profissionais que não compreendem os objetivos das aulas de EFI, não compreendem o significado das aulas co-educativas, que, com base na literatura vista anteriormente, são as aulas adequadas para o alcance da função da EFI escolar, que é levar o aluno a vivenciar os mais diversos tipos de exercícios físicos, e não somente se dedicar ao físico, essas aulas devem ser espaços do desenvolvimento social, intelectual e cognitivo. Esse momento, se bem utilizado por quem o dirige, pode ser um espaço de discussão, reflexão e problematização a partir dos conflitos gerados pelas diferenças, conseqüentemente a aceitação e o respeito pelo outro, bem como o desenvolvimento da amizade e do companheirismo entre os alunos.

Sabemos que a escola ainda está longe de alcançar esse nível de progresso e entendemos que a cultura social está profundamente relacionada a isso, já que esse processo de desenvolvimento social é lento. No entanto, muitos autores chamam atenção para o papel dos professores nesse sentido, pois estes podem ser agentes eficazes na aceleração desse processo, de desenvolver as aulas co-educativas nas escolas e assim, diminuir os problemas relacionados a preconceitos, bullying, e aumentando o respeito e a aceitação entre os alunos.

Algo que me surpreendeu nesse estudo e que realmente não esperava, foi justamente o descaso que pude perceber por parte de alguns dos professores, (especialmente um) que participaram dessa pesquisa. Apesar de possuírem um alto nível de estudos e um longo período de experiência como docentes, infelizmente foi possível notar que alguns ainda preocupam-se mais com o seu bem estar como professores e não com o ensino adequado e satisfatório para os seus alunos. Seus esforços parecem se voltar mais para o desenvolvimento do seu trabalho e não para o que os seus alunos realmente necessitam. Possivelmente o descaso dos

professores também é um dos principais fatores que leva a Educação Física a ser tão criticada pela sociedade. Será que há possibilidade de mudança nessa situação?

As entrevistas realizadas no presente estudo mostraram que os alunos entrevistados, que ainda não atuam no mercado de trabalho, são favoráveis às aulas mistas, mas ao mesmo tempo, mostram-se inseguros em relação ao momento em que efetivamente estiverem atuando no ambiente escolar. Devem a isso, o fato de terem participado de poucos momentos de discussão sobre esse assunto dentro da universidade e também ao fato de não terem experiência prática (apenas dos estágios, o que julgam pouco).

É possível que esses alunos estejam preparados para atuar no mercado de trabalho? É possível que saibam como trabalhar com os conflitos que surgirem em suas aulas? Ou até mesmo de forma devem lidar com as possíveis dificuldades e dúvidas relacionadas a sua prática propriamente dita (que provavelmente surgirão)?

Essas perguntas não têm uma resposta final, mas podemos concluir que a formação dos professores está fortemente relacionada a sua prática, já que dos quatro professores entrevistados, três demonstraram bastante resistência no que diz respeito as aulas mistas, possivelmente porque sua formação foi sempre com aulas separadas. Esse fato, de alguma maneira pode nos fazer pensar que daqui há um tempo, realmente possam haver mudanças no que diz respeito a prática mista, nas aulas de EFI escolar, já que a formação atual dos professores de EFI, tem sido de forma mista nas universidades, lembrando que a formação desses professores, se deu de forma separada.

A professora que foi a favor das aulas mistas, apesar de ter tido uma formação quase sempre de maneira separada, nas aulas de EFI, defendeu em todo o tempo as aulas mistas, no regime co-educativo, e mostrou compreender realmente o que significam as aulas co-educativas. Entendemos que esse comportamento está associado à posição que a mulher vem ocupando ao longo dos anos dentro da sociedade, com uma participação muito maior no mercado de trabalho, na política e na economia. Essas mudanças no papel feminino tem sido lentas, porém significativas. Assim, percebemos o quanto a sociedade tem influência quando se tratam de questões de gênero.

Assim, essa pesquisa mostrou que apesar de ser um tema recorrente e de haver diversos estudos relacionados ao assunto abordado, há uma grande necessidade de que tal tema seja discutido entre os profissionais da área relacionada à educação física escolar, no intuito de que compreendam o objetivo das aulas de EFI e exercitem a reflexão do seu fazer, enquanto professores.

9. APÊNDICES

9.1. Roteiro de Entrevistas com os professores:

- 1) Nome?
- 2) Tiveste aulas de educação física na(s) escola(s) em que você estudou? (Ensino Infantil, Fundamental, Médio e Superior), que lembranças você tem a respeito delas?
- 3) Porque escolheste a EFI para profissão?
- 4) Onde foi a tua formação? Quando te formaste?
- 5) Desde quando trabalhas com EFI?
- 6) Trabalhaste em escola?
- 7) O que lembras dessas experiências? (se teve experiência em escola)
- 8) Eram aulas separadas ou mistas?
- 9) Como você se sentia a respeito disso (das aulas mistas ou separadas)?
- 10) Atualmente, de que forma você trabalha nas suas aulas práticas (dentro da UFRGS/ Colégio Estadual)? Com aulas mistas ou separadas? Quais conflitos e/ou dificuldades você encontra? Que maneiras você utiliza para resolvê-los?
- 11) Você é a favor das aulas mistas ou das aulas separadas? O que te levou a pensar assim?
- 12) Comente essa afirmação: Há esportes mais adequados para as mulheres praticarem e outros mais adequados para a prática dos homens.
- 13) Que elementos você aponta para justificar as aulas mistas ou separadas? Que vantagens e desvantagens você apresenta em cada caso?

9.2. Roteiro de Entrevistas com os estudantes formandos:

- 1) Nome?
- 2) Idade?
- 3) Tiveste aulas de educação física na(s) escola(s) em que você estudou? (Ensino Infantil, Fundamental, Médio e Superior), que lembranças você tem a respeito delas?

- 4) Porque escolheste a EFI para profissão?
- 5) Quando ingressaste na faculdade?
- 6) Já atuas na EFI?
- 7) Tiveste experiência em escola (pode falar do estágio)?
- 8) O que lembras dessas experiências? (se teve experiência em escola)
- 9) Eram aulas separadas ou mistas?
- 10) Como você se sentia a respeito disso (das aulas mistas ou separadas)?
- 11) Atualmente, de que forma ocorrem as aulas práticas, das quais você participa dentro da UFRGS? Com aulas mistas ou separadas? Quais conflitos e/ou dificuldades você encontra? Que maneiras você utiliza para resolvê-los?
- 12) Ao longo da sua trajetória estudantil na UFRGS, o que foi abordado ou discutido a respeito desse assunto (aulas mistas e/ou separadas)?
- 13) Você é a favor das aulas mistas ou das aulas separadas? O que te levou a pensar assim?
- 14) Comente essa afirmação: Há esportes mais adequados para as mulheres praticarem e outros mais adequados para a prática dos homens.
- 15) Que elementos você aponta para justificar as aulas mistas ou separadas? Que vantagens e desvantagens você apresenta em cada caso?

10. ANEXOS

10.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

CARTA DE ESCLARECIMENTO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Título do Projeto:

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA MISTAS E/OU SEPARADAS: O QUE JUSTIFICA?
QUAIS AS RAZÕES?

Pesquisadora Responsável: **Annie Reis dos Reis Nagel**

E-mail: ayreis@yahoo.com.br

Telefones: (51) 3085-1977 | (51) 8571-0890

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Prezado(a):

Esta pesquisa tem o objetivo de identificar elementos que justificam as aulas de Educação Física escolar mistas ou separadas e propor uma reflexão a respeito das questões que giram em torno desse tema.

Para atender a este objetivo, estarei realizando entrevistas com pessoas-chaves no entendimento do assunto citado anteriormente.

Vocês representam pessoas-chaves neste estudo, por isso foram escolhidos para a realização desta entrevista. A concordância de vocês em colaborar com a pesquisa implica nas seguintes condições de envolvimento e autorização de uso:

- Disponibilizar cerca de 40 minutos para a realização da entrevista que será gravada (apenas o som);
- Responder as questões do roteiro de entrevistas (que está disponível em anexo a este termo).
- O conteúdo das entrevistas será transcrito e uma versão será encaminhada para que vocês possam ler e realizar os ajustes, complementações ou cortes que julgarem necessários.
- **Os nomes de vocês não serão revelados.** Prezarei pela preservação do sigilo dos seus nomes, substituindo-os por nomes fictícios.
- No processo de análise prezarei pelo uso adequado das informações, considerando o contexto no qual elas foram produzidas.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter nossos direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

Declaramos estarmos cientes do exposto e desejarmos participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011.

Nome: _____ Assinatura: _____

Eu, **Annie Reis dos Reis Nagel**, declaro que forneci todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011. _____

11. REFERÊNCIAS:

ABREU, Neíse Gaudêncio. **Meninos Pra Cá, Meninas Pra Lá?** In: VOTRE, Sebastião Josué (org.) Ensino e avaliação em educação física. IBRASA, p. 101-120. 1993.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a Entrevistar:** Como fazer Entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Santa Catarina, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, janeiro-julho. 2005.

CARLOTO, Cássia Maria de. **O Conceito de Gênero e sua importância para a análise das Relações Sociais.** Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm>. Acesso em: 22 maio 2011.

CARVALHO, Marília Gomes de et al. **Gênero e Diversidade Sexual no Ambiente Escolar.** Refletindo Gênero na Escola, a importância de repensar conceitos e preconceitos. Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/74142732/G-E2>>. Acesso em: 23 maio 2011.

CAUDURO, M. T. **Investigação física e esporte.** Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Marcas de Gênero na Educação Física Escolar: a separação de meninos e meninas em foco.** Motrivivência. Ano XXIII, n. 37, p. 12-29, dez. 2011.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. **Aula Mista versus Aula Separada? Uma questão de Gênero recorrente na Educação Física Escolar.** Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física – ISSN 2175-8093 – v. 1, n. 1, p.141-156, agosto. 2009.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar. Curitiba: Editora UFPR. n. 24, p. 213-225. 2004.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328. 2005.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. **Além das Aparências: Gênero e Corpo no cotidiano da Educação Física Escolar.** Fazendo Gênero. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 agosto 2010.

GUEDES, M^a Eunice Figueiredo. **Gênero, o que é isso?**. Psicologia: ciência e profissão. Versão Impressa ISSN 1414-9893. Brasília, v.15 n.1-3. 1995.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Dr. Fabiano Pries. **Representações de discentes sobre as aulas mistas e separadas por sexo na Educação Física Escolar**. Disponível em: <<http://newpdforyou.com/search.html?type=all&search=representacoes-de-discentes-sobre-as-aulas-mistas-e-separadas-por-sexo-na-educacao-fisica-escolar.pdf&wm=153&sub=9>>. Acesso em: 31 maio 2011.

LIMA, Francis Madlener de; DINIS, Nilson Fernandes. **Corpo e Gênero nas práticas escolares de Educação Física**. Currículo sem Fronteiras. Paraná. v.7, n.1, pp.243-252, Jan/Jun 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. **Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar**. Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 agosto. 2008.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; DUARTE, Cátia Pereira. **Discurso dos professores e professoras de educação física sobre o relacionamento de meninos e meninas**. Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares ST. 07. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/O/Oliveira-Duarte_07_B.pdf>. Acesso em: 23 maio 2011.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PUPO, Kátia. **Questão de gênero na escola**. PROGRAMA ÉTICA E CIDADANIA: Construindo Valores na Escola e na Sociedade, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/20_pupo.pdf>. Acesso em: 23 maio 2011.

SABAT, Ruth. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**. Estudos Feministas. Ano 9º, segundo semestre de 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em: 19 abril 2011

SANTOS, Natasha et al. **Gêneros e Educação Física escolar: notas gerais sobre a formação cultural no decorrer da história**. Revista Digital, Buenos Aires - Año 12, n. 112 - Septiembre 2007.

SAYÃO, Yara; BOCK, Silvio Duarte. **Sexo x Gênero**. Equipe EducaRede. Dezembro 2002. Disponível em: <http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=oassuntoe.interna&id_tema=8&id_subtema=7>. Acesso em: 23 maio 2011.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2008.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero**. Revista Ártemis, v.8 p. 110-117, jun 2008.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 48, Agosto 1999.

SOUZA, Fabiana Cristina de. **Diferenças de Gênero na Escola: Interiorização do Masculino e do Feminino**. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/28/textos/ge23/ge231085int.doc>. Acesso em: 27 junho 2011.